

JON KRAKAUER

Onde os homens conquistam a glória

*A odisseia de um soldado americano
no Iraque e no Afeganistão*

Tradução
Ivo Korytowski

Copyright © 2009 by Jonathan R. Krakauer

Tradução publicada mediante acordo com The Doubleday Broadway Publishing Group,
uma divisão da Random House, Inc.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua
Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

Where men win glory: the odyssey of Pat Tillman

Capa

Retina_78

Preparação

Otacílio Nunes

Revisão

Carmen S. da Costa

Márcia Moura

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Krakauer, Jon

Onde os homens conquistam a glória : a odisseia de um soldado
americano no Iraque e no Afeganistão / Jon Krakauer ; tradução Ivo
Korytowski — São Paulo : Companhia das Letras, 2011.

Título original : Where men win glory ; the odyssey of Pat
Tillman

Bibliografia

ISBN 978-85-359-1809-0

1. Futebol e guerra - Estados Unidos, 2. Guerras afegãs,
2001 - Casualidades 3. Guerras afegãs, 2001 - Estados Unidos 4.
Jogadores de futebol - Estados Unidos - Biografia 5. Soldados -
Estados Unidos - Biografia 6. Tillman, Pat, 1976-2004 I. Título.

11-00163

CDD-958.1041

Índice para catálogo sistemático:

1. Soldado americano : Guerras afegãs : Biografia 958.1041

[2011]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

*Quem entre os mortais és, homem bravíssimo, a quem
nunca vi no conflito onde os homens conquistam a glória?
Tu excedes a todos de longe em teu grande coração.*

— Homero, *Ilíada*

Sumário

Lista de mapas	11
<i>Dramatis personae</i>	13
Prólogo	17
Parte um	29
Parte dois.	159
Parte três	249
Parte quatro	309
Parte cinco	357
Agradecimentos	371
Notas	375
Bibliografia.	385
Índice remissivo	391

Lista de mapas

Área da baía de San Francisco	30
Afeganistão	52
Iraque	193
Comboio de Jessica Lynch, 23 de março de 2003	201
Batalha de Nasiriyah, 23 de março de 2003	211
Movimento do pelotão de Rangers de Tillman, 14-25 de abril de 2004	262
Tiroteio no desfiladeiro Tillman, 22 de abril de 2004	276
Tiroteio no desfiladeiro Tillman, saída oeste do cânion, 22 de abril de 2004	284

Dramatis personae

22 de abril de 2004

Comboio de Magarah para Mana, Distrito de Spera, Província de Khost,
Segundo Pelotão do Afeganistão, Companhia Alfa, Segundo Batalhão, 75º
Regimento de Rangers

UNIDADE DE MARCHA 1

Veículo 1: Humvee (GMV) com Mk 19 montado na torre de tiro superior

Tenente David Uthlaut, líder de pelotão, banco dianteiro direito

Segundo-sargento Matt Weeks, líder do Terceiro Esquadrão, motorista

Especialista Ryan Mansfield, atirador na torre de tiro superior

Especialista Jade Lane, operador de rádio, banco do meio direito

Especialista Donald Lee, observador avançado, banco do meio esquerdo

Segundo-cabo Bryan O'Neal, fuzileiro de M4, banco traseiro

Especialista Mark, atirador de Carl Gustav 84 milímetros, banco traseiro
esquerdo

Especialista Jay Lamell, atirador auxiliar, banco traseiro direito

Veículo 2: Toyota Hilux King Cab

Especialista Brandon Farmer, mecânico, motorista

Especialista Kilpatrick, fuzileiro de M4, banco dianteiro direito

Especialista Pat Tillman, líder de equipe interino, atirador de SAW, banco traseiro esquerdo

Veículo 3: Humvee com blindagem reforçada, nenhuma arma montada na torre de tiro superior

Sargento Mel Ward, líder de equipe, motorista

Especialista Will Aker, fuzileiro de M4, banco dianteiro direito

Especialista John Tafoya, banco do meio direito

Especialista Douglas Ping, banco do meio esquerdo

Veículo 4: Toyota Hilux King Cab

Sargento Bradley Shepherd, líder de equipe, motorista

Especialista Russell Baer, atirador de SAW, banco dianteiro direito

Segundo-cabo Josey Boatright, banco traseiro

Especialista Jean-Claude Suhl, atirador de metralhadora Bravo 240

Especialista Alvin Fudge, observador avançado

Veículo 5: Toyota Hilux King Cab

Sayed Farhad, soldado das Forças da Milícia Afegã

Três outros soldados das Forças da Milícia Afegã (nomes desconhecidos)

Veículo 6: Toyota Hilux King Cab

Três soldados das Forças da Milícia Afegã (nomes desconhecidos)

UNIDADE DE MARCHA 2

Veículo 1: Caminhão *jinga* afegão, rebocando o Humvee avariado

Motorista afegão (nome desconhecido)

Jamal, intérprete afegão

Primeiro-sargento Jeffrey Jackson, segundo líder de esquadrão

Segundo-sargento Jonathan Owens, líder do esquadrão de armas

Veículo 2: Humvee (GMV) com M2 calibre 50 na torre de tiro superior, M240B na traseira direita

Segundo-sargento Greg Baker, líder do Primeiro Esquadrão, banco dianteiro direito
Sargento Kellett Sayre, fuzileiro de M4, motorista
Especialista Stephen Ashpole, atirador na torre de tiro superior
Especialista Chad Johnson, M4/203 fuzileiro e granadeiro, banco do meio direito
Especialista Trevor Alders, atirador de SAW, banco do meio esquerdo
Especialista Steve Elliott, atirador de metralhadora Bravo 240, banco traseiro direito
Segundo-cabo James Roberts, M4/203 fuzileiro e granadeiro, banco traseiro esquerdo
Wallid, intérprete afegão, banco traseiro

Veículo 3: Humvee de carga

Especialista Stephen McLendon, motorista
Primeiro-sargento Steven Walter, sargento do pelotão de morteiros, banco dianteiro direito
Especialista Miltiades Harrison Houpis, atirador de elite, banco traseiro esquerdo
Especialista Josh Reeves, atirador de elite, banco traseiro direito

Veículo 4: Humvee de carga

Sargento Brad Jacobson, atirador de morteiro, motorista
Sargento-mestre John Horney, banco dianteiro direito
Sargento Major Alfred Birch, sargento-mor do regimento, banco traseiro direito
Especialista Dunabach, banco traseiro esquerdo

Veículo 5: Humvee (GMV) com Mk 19 montado na torre de tiro superior

Sargento Jason Parsons, líder de equipe, motorista
Primeiro-sargento Eric Godec, sargento do pelotão, banco dianteiro direito
Especialista Kevin Tillman, atirador na torre de tiro superior
Especialista Pedro Arreola, banco do meio direito

Segundo-cabo Kyle Jones, banco do meio esquerdo
Sargento Jason Bailey, banco traseiro
Segundo-cabo Marc Denton, banco traseiro
Especialista James Anderson, paramédico, banco traseiro

PARTE UM

Épocas anteriores podem não tê-la compreendido melhor do que nós, mas não se sentiam tão constrangidas em nomeá-la: a força vital ou centelha, considerada próxima do divino. Mas não é. Pelo contrário, é algo que torna seus detentores plenamente humanos, e quem não a possui se parece com um sonâmbulo. [...] Não é suficiente para tornar alguém heroico, mas sem ela qualquer herói será esquecido. Rousseau denominou-a força da alma; Arendt chamou-a de amor pelo mundo. É a base de eros; você pode chamá-la de carisma. Será uma dádiva dos deuses ou algo que precisa ser conquistado? Observando tais pessoas, você sentirá que é ambas as coisas: concedida como um lance perfeito, ou graça, que ninguém pode conquistar ou lutar para adquirir; e capturada como a maior das recompensas. Possuí-la faz as pessoas pensarem mais, verem mais, sentirem mais. Mais intensamente, mais agudamente, mais ruidosamente caso queira; mas não mais à maneira dos deuses. Pelo contrário, comparados com heróis como Ulisses e Penélope, os deuses se afiguram estranhamente insípidos. Eles são maiores, é claro, e vivem para sempre, mas sua presença parece diminuída. [...] Os deuses da *Odisseia* não são vivos, apenas imortais; e com a imortalidade a maioria das qualidades que prezamos tornam-se inúteis. Sem nada pelo qual se arriscar, os deuses não precisam de coragem.

— SUSAN NEIMAN, *Moral clarity*



Área da baía de San Francisco

Um

Durante o período que Pat Tillman passou no Exército ele escreveu de forma intermitente um diário. Em anotação datada de 28 de julho de 2002 — três meses depois de chegar ao campo de treinamento — ele registrou: “Incríveis as reviravoltas que a vida pode dar. Eventos ou decisões importantes que mudam completamente uma vida. Em minha vida houve várias”. Ele então catalogou diversas. Seria de esperar que a decisão de ingressar nas forças armadas estivesse em primeiro lugar em sua mente na época. Mas o incidente colocado no topo da lista, ocorrido quando tinha onze anos, surpreende. “Por mais estranho que pareça”, o diário revelou, “um passe que agarrei espetacularmente no time *all-stars* de 11-12 anos foi o ponto de partida. Eu me destaquei pelo resto do torneio e adquiri uma confiança incrível. Parece uma ninharia, mas foi ótimo.”

Pat começara a jogar beisebol aos sete anos, quando vivia em Almaden, Califórnia (um subúrbio afluente de San Jose). Logo ficou claro para os adultos que o viam lançar uma bola e manejar um taco que ele possuía um talento extraordinário, mas Pat não parece ter tido muita consciência de seus próprios dons atléticos até ser selecionado, no verão de 1988, para o time *all-star* mencionado. No desenrolar do torneio contra equipes de outros atletas de destaque, ele quase sempre ocupou o banco de reservas. Quando o treinador enfim esca-

lou Pat para um jogo, ele conseguiu um *home run* e agarrou uma bola rebatida no campo externo de forma espetacular. Catorze anos depois, ao contemplar a vida da perspectiva de um quartel do Exército, ele considerou aquele passe agarrado como um momento fundamental — um impulsionador de confiança que contribuiu muito para um de seus traços definidores: uma autoconfiança inabalável.

Em 1990, Pat matriculou-se na Leland High School, de Almaden, uma das melhores escolas públicas da área da baía de San Francisco, tanto do ponto de vista acadêmico como do atlético. Quando ingressou na Leland ele pretendia ser o recebedor do time principal de beisebol da escola, mas o treinador titular, Paul Ugenti, informou que Pat não estava preparado para isso e teria que se contentar com uma posição na turma dos calouros e alunos do segundo ano. Contrariado e talvez insultado pela incapacidade de Ugenti de reconhecer seu potencial, Pat resolveu abandonar o beisebol e se concentrar no futebol americano, embora tivesse se iniciado neste esporte apenas um ano antes e tivesse fraturado gravemente a tíbia direita nessa temporada inicial, quando um colega de time bem maior caíra sobre sua perna durante um treino.

Pat, que fazia aniversário em novembro, estava entre os rapazes mais novos do 1º ano da Leland, e quando começou o ensino médio tinha apenas treze anos. Além disso, era pequeno para sua idade, com 1,65 metro de altura, e pesava apenas 54 quilos. Quando informou que trocaria o beisebol pelo futebol americano, um treinador assistente chamado Terry Hardtke explicou que Pat não tinha uma “constituição de jogador de futebol” e insistiu em que ele permanecesse no beisebol. Entretanto, uma vez que Tillman tivesse em mira um objetivo, dificilmente mudava de ideia. Ele disse ao treinador que pretendia começar a levantar pesos para desenvolver os músculos. Depois assegurou a Hardtke que não só ingressaria no time de futebol americano da Leland, como pretendia jogar futebol universitário após concluir a escola. Hardtke respondeu que Pat estava cometendo um grave erro — que com seu tamanho ele teria muita dificuldade de obter uma posição de titular no time da Leland, e que praticamente não tinha chance de jogar futebol universitário.

Pat, porém, preferiu confiar na própria percepção de suas habilidades do que nas previsões sombrias do treinador, e tentou jogar no time de futebol americano da Leland. Seis anos depois, seria um astro *linebacker* disputando no estádio Rose Bowl o campeonato universitário nacional. E vinte meses de-

pois disso, começou uma carreira de destaque na Liga Nacional de Futebol Americano.

Na metade do caminho entre San Jose e Oakland, o município de Fremont ergue-se acima da costa leste da baía de San Francisco, uma cidade de 240 mil habitantes que sempre existiu à sombra de suas vizinhas mais badaladas. Foi lá que Patrick Daniel Tillman nasceu, em 6 de novembro de 1976. Perto do hospital onde Pat veio ao mundo fica um centro comercial de farmácias, clínicas de quiroprática e restaurantes de fast-food, dividido ao meio por uma estrada de quatro pistas. Ao longo de três ou quatro quarteirões desse trecho normalmente corriqueiro do Freemont Boulevard, encontra-se uma des- toante concentração de estabelecimentos exóticos: o restaurante Salang Pass, uma loja de tapetes afegãos, um cinema sul-asiático, uma loja que vende roupas afegãs, a De Afghanan Kabob House, o Maiwand Market. Dentro deste último, as prateleiras estão repletas de homus, azeitonas, sementes de romã, cúrcuma, sacos de arroz e latas de óleo de semente de uva. Uma mulher impressionante, trajando um véu e um vestido todo bordado e incrustado de dezenas de espelinhos, aguarda no balcão quase no fundo da loja para comprar fatias de pão indiano recém-assado. A Pequena Cabul, como essa área é chamada, constitui o centro do que é supostamente a maior concentração de afegãos nos Estados Unidos, uma comunidade que ficou famosa por causa do best-seller *O caçador de pipas*.

Por uma estatística aproximada, cerca de 10 mil afegãos residem na área de Fremont, e há mais 50 mil espalhados pelo resto da área da baía. Eles começaram a aparecer em 1978, quando sua terra natal explodiu numa violência que persiste três décadas depois. O caos foi desencadeado pelo atrito crescente entre grupos políticos dentro do Afeganistão, mas o combustível da conflagração foi suprido em abundância e com grande entusiasmo pelos governos dos Estados Unidos e da União Soviética em suas manobras pelo predomínio na Guerra Fria.

Os soviéticos vinham dissipando bilhões de rublos em ajuda militar e econômica ao Afeganistão desde a década de 1950, e haviam cultivado vínculos estreitos com os líderes da nação. Apesar da injeção de capital estrangeiro, na década de 1970 o Afeganistão permanecia uma sociedade tribal, de caráter

essencialmente medieval. De sua população de 17 milhões, 90% eram analfabetos. Oitenta e cinco por cento da população vivia no interior montanhoso e quase sem estradas, subsistindo como agricultores, pastores ou comerciantes nômades. A maioria esmagadora desses moradores pobres e sem instrução do interior obedecia não ao governo central de Cabul, com o qual tinha pouco contato e do qual quase não recebia ajuda tangível, e sim a mulás locais e anciões tribais. Mas, graças à influência gradual de Moscou, um tipo nitidamente marxista de modernização começara a estabelecer uma cabeça de ponte em algumas das maiores cidades da nação.

O relacionamento íntimo do Afeganistão com os soviéticos originou-se sob a liderança do primeiro-ministro Mohammed Daoud Khan, um *pashtun* com bochechas carnudas e cabeça raspada, nomeado em 1953 por seu primo e cunhado, o rei Mohammed Zahir Shah. Dez anos depois, Daoud viu-se forçado a renunciar ao governo, após empreender uma breve mas desastrosa guerra contra o Paquistão. Em 1973 ele recuperou o poder por meio de um golpe de Estado não violento, depondo o rei Zahir e declarando-se o primeiro presidente da República do Afeganistão.

Uma subcultura fervorosa de intelectuais, profissionais e estudantes marxistas havia àquela altura se enraizado em Cabul, determinada a conduzir o país ao século xx, fazendo alvoroço se necessário, e o presidente Daoud — que trajava ternos italianos feitos sob medida — apoiava a mudança para a modernidade secular, contanto que não ameaçasse seu poder. Sob Daoud, as mulheres adquiriram o direito de estudar e integrar a força de trabalho profissional. Nas cidades, elas começaram a aparecer em público sem burcas ou mesmo sem véus. Muitos homens urbanos trocaram seus tradicionais *shalwar kameezes* por ternos ocidentais. Esses moradores seculares das cidades engrossaram as fileiras de uma organização política marxista conhecida como Partido Democrático Popular do Afeganistão (PDPA).

Os soviéticos foram aliados de Daoud em sua tentativa de modernizar o Afeganistão, ao menos no início. A ajuda de Moscou continuou fortalecendo a economia e as forças armadas, e, sob um acordo assinado por Daoud, todo oficial do Exército afegão recebia treinamento militar na União Soviética. Mas ele estava andando numa corda bamba política perigosa. Embora acolhesse os rublos soviéticos, Daoud era um nacionalista afegão ardente, sem o menor desejo de se tornar um títere do presidente soviético, Leonid Brezhnev. E con-

quanto comprometido em modernizar a nação, Daoud queria avançar num ritmo suficientemente lento para não provocar os mulás islâmicos que controlavam o interior. No final, infelizmente, suas políticas apaziguaram pouca gente e conseguiram contrariar quase todos os demais — de forma mais significativa os soviéticos, os esquerdistas urbanos e os fundamentalistas barbudos do interior.

No início de sua presidência, Daoud havia prometido reformar o governo e promover as liberdades civis. Mas, pouco depois de assumir o poder, começou a reprimir quem quer que resistisse às suas ordens. Centenas de rivais de todos os lados do espectro político foram presos e executados, de anciões tribais antimodernistas em províncias remotas a comunistas urbanos do PDPA que haviam apoiado a subida ao poder de Daoud.

Durante milênios, a expressão política no Afeganistão quase sempre se confundira com a desordem. Em 19 de abril de 1978, o funeral de um líder comunista popular supostamente assassinado por ordens de Daoud transformou-se numa marcha de protesto turbulenta. Organizada pelo PDPA, 30 mil afegãos saíram às ruas de Cabul para mostrar seu desprezo pelo presidente Daoud. De forma típica, ele reagiu à manifestação com força excessiva, o que incitou ainda mais os manifestantes. Pressentindo uma virada importante na maré política, a maioria das unidades do Exército afegão rompeu com Daoud, aliando-se ao PDPA. Em 27 de abril de 1978, jatos MiG-21 da Força Aérea Afegã bombardearam o Palácio Presidencial, onde Daoud estava entrincheirado com 1800 membros de sua guarda pessoal. Naquela noite, forças da oposição invadiram o palácio em meio a saraivadas de balas. Quando o sol se levantou e os tiroteios cessaram, o presidente e toda a sua família estavam mortos, e as ruas circundantes estavam coalhadas com os corpos de 2 mil afegãos.

O PDPA imediatamente assumiu o poder e renomeou a nação como República Democrática do Afeganistão. Apoiado pela União Soviética, o novo governo foi implacável em estabelecer o controle sobre o país. Durante os vinte primeiros meses de governo do partido, 27 mil dissidentes políticos foram capturados, transportados para a abjeta prisão Pul-e-Charkhi na periferia de Cabul e sumariamente executados.

Àquela altura, a violência havia instigado um êxodo em massa de afegãos para terras estrangeiras. Como aqueles ameaçados de eliminação pelo PDPA com frequência eram mulás influentes ou membros das classes intelectuais e

profissionais, muitos dos refugiados que procuraram abrigo provinham da elite da sociedade afegã. Dois anos após o nascimento de Pat Tillman em Fremont, Califórnia, afegãos começaram a acorrer à cidade onde ele nasceu.

No Afeganistão, a brutalidade do PDPA inspirou uma insurreição popular que logo degenerou em guerra civil total. Na vanguarda da rebelião estavam os guerreiros sagrados muçulmanos, os mujahidin afegãos, que combateram os infieis comunistas com tamanha ferocidade que, em dezembro de 1979, os soviéticos despacharam 100 mil soldados para o Afeganistão a fim de sufocar a rebelião, fortalecer o PDPA e promover seus interesses da Guerra Fria na região.

Nações do mundo inteiro manifestaram críticas severas aos soviéticos pela incursão. O protesto mais forte veio dos Estados Unidos. Expressando choque e indignação com a invasão, o presidente Jimmy Carter tachou-a de “a mais séria ameaça à paz desde a Segunda Guerra Mundial” e promoveu primeiro um embargo comercial e depois um boicote às Olimpíadas de Moscou de 1980.

Mas a indignação de Carter não foi lá muito sincera. Apesar de o governo norte-americano negar em declarações oficiais, a CIA havia começado a comprar armas para os mujahidin ao menos seis meses *antes* da invasão soviética, e esse apoio clandestino visava não apenas deter os soviéticos, mas provocá-los. De acordo com o assessor de segurança nacional de Carter, Zbigniew Brzezinski, o fornecimento de armas aos afegãos visava estimular uma desordem no país suficiente “para induzir uma intervenção militar soviética”. Brzezinski, o combatente mais fervoroso da Guerra Fria no governo Carter, vangloriou-se em entrevista de 1998 de que fornecer armas aos mujahidin tinha por objetivo específico atrair “os soviéticos à armadilha afegã” e lançá-los numa debacle debilitante como a do Vietnã.

Se esse era o plano, funcionou. Quase imediatamente após ocupar o país, o lendário 40º Exército Soviético viu-se mergulhado em uma guerra de guerrilha inesperadamente violenta que manteria suas forças envolvidas no Afeganistão pelos próximos nove anos.

Antes da invasão soviética, o Afeganistão estava dilacerado por tantas facções políticas e tribais intransigentes que a nação era na prática ingovernável. Em oposição automática à ocupação soviética, quase todo o país se uniu